

aquelas com até 10% de limbo foliar lesionado. Os resultados evidenciaram alta variabilidade entre os genótipos. Dezenove diplóides comportaram-se como altamente suscetíveis, seis como moderadamente resistentes e 29 como altamente resistentes. Seis diplóides, inclusive Calcutá, apresentaram resistência vertical completa; 23, inclusive M - 53 e Jaribuaya, apresentaram altos níveis de resistência horizontal. Nas condições de Manaus, híbridos de Calcutá têm se comportado como altamente suscetíveis, ao passo que híbridos tetraplóides obtidos a partir de M - 53 e Jaribuaya têm apresentado altos níveis de resistência horizontal

147

**AValiação DA REAÇÃO DE GENÓTIPOS DE BANANEIRA À Ralstonia solanacearum RAÇA 2. JOSÉ CLÉRIO R. PEREIRA<sup>1</sup>, LUADIR GASPAROTTO<sup>1</sup> & SEBASTIÃO O. SILVA<sup>2</sup>.** (<sup>1</sup>Embrapa Amazônia Ocidental, C. P. 319, 69011-970, Manaus, AM; <sup>2</sup>Embrapa Mandioca e Fruticultura, C. P. 7, 44380-000, Cruz das Almas, BA). Evaluation of the reaction of genotypes of banana to the *Ralstonia solanacearum*.

O mofo ou murcha bacteriana da bananeira, causada por *Ralstonia solanacearum* raça 2, doença que prevalece nos solos dos ecossistemas de várzeas inundáveis dos Estados do Amazonas, Amapá e Pará, constitui-se em um sério fator de redução de produtividade dos bananais implantados neste ecossistema. Todas as cultivares comerciais de bananeira são suscetíveis a *R. solanacearum*. Nesse trabalho avaliou-se a reação de 49 genótipos de bananeira a 5 isolados de *R. solanacearum*, através da injeção de 1 ml de 10<sup>8</sup> ufc na base do pseudocaule de mudas tipo chifre. As avaliações baseadas em sintomas macroscópicos, como murcha, descoloração vascular e exsudação bacteriana, foram efetuadas semanalmente durante 90 dias. Os diplóides (AA) DS 48, 131701, 174101, SH 3362, 734101, 421502 e Burmanica, até então consideradas resistentes, comportaram-se como suscetíveis a pelo menos um dos isolados utilizados. Provavelmente, em função da ausência de co-evolução patógeno-hospedeiro, não se dispõe de resistência completa a *R. solanacearum*, o que leva a pressupor mudanças nas estratégias de obtenção de cultivares de bananeira com resistência a *R. solanacearum* para solos de várzeas inundáveis e sujeitos a freqüentes introduções de inóculo.

148

**CONTROLE DA SIGATOKA-NEGRA DA BANANEIRA POR MEIO DA APLICAÇÃO DE FUNGICIDAS NA AXILA DAS FOLHAS. L. GASPAROTTO, J. C. R. PEREIRA, M. C. N. PEREIRA.** (Embrapa Amazônia Ocidental, C. P. 319, 69011-970, Manaus, AM). E-mail: [gasparro@cpaa.embrapa.br](mailto:gasparro@cpaa.embrapa.br) Control of black sigatoka of banana by fungicides application on the leaf axilla.

A sigatoka-negra (*Mycosphaerella fijiensis*) é a principal doença da bananeira. Em regiões quentes e úmidas, como a Amazônia, são necessárias aplicações de fungicidas a intervalos de 7 a 10 dias para controlá-la. Gasparotto et al. (Fitopatologia Brasileira, supl., 2003, resumos 516 e 517) relatam que o flutriafol depositado na axila da folha nº 2, a intervalos de 60 dias, é altamente eficiente no controle da sigatoka-negra. Avaliou-se a eficiência de alguns fungicidas, depositados na axila da folha, para o controle da sigatoka-negra. Utilizou-se a cv. Maçã, em delineamento inteiramente casualizado com 4 repetições e 5 plantas/parcela. Avaliaram-se os tratamentos: azoxystrobin, triadimenol e difenoconazole, todos na dosagem de 0,250 g/planta, aplicados a intervalos de 45 e 60 dias; ecolife 2 ml/planta a intervalos de 30 e 45 dias; flutriafol 0,250 g/planta a cada 60 dias e a testemunha. Os fungicidas foram depositados na axila da folha nº 2 com auxílio de uma seringa dosadora. No florescimento registraram-se o nº de folhas viáveis e a severidade da doença na folha nº 10 e, na colheita, o nº de folhas viáveis e o peso dos cachos, das pencas e dos frutos. A análise estatística indicou que o azoxystrobin, triadimenol e flutriafol, aplicados a cada 60 dias, foram eficientes no controle da doença. As plantas tratadas com triadimenol apresentam sintomas de fitotoxidez, com o descolamento das bainhas após a emissão dos cachos, enquanto que nas tratadas com flutriafol a fitotoxidez foi leve e nas tratadas com azoxystrobin praticamente

não ocorreu fitotoxidez. O difenoconazole, além de ineficiente, foi altamente fitotóxico. Vale ressaltar que aplicação do flutriafol, azoxystrobin e triadimenol na planta mãe, foi suficiente para manter as plantas filhas e netas livres da sigatoka-negra, até o florescimento da planta mãe. Com a paralisação da aplicação na planta mãe após o florescimento, a partir dessa fase, há necessidade de fazer as aplicações na planta filha.

149

**UTILIZAÇÃO DE DIFERENTES TEMPERATURAS PARA INDUÇÃO DE TÉLIA NO GÊNERO Phakopsora AGENTE ETIOLÓGICO DA FERRUGEM DA SOJA. PATRÍCIA FERREIRA CUNHA SOUSA, EDUARDO ALVES, HILÁRIO A. CASTRO & PAULO ESTEVÃO DE SOUZA.** (DFP-UFLA, Caixa Postal 37, 37200-000, Lavras, MG). [patriciamaranhao@ig.com.br](mailto:patriciamaranhao@ig.com.br). Use of different temperatures to induce telia on genus *Phakopsora*, causal agent of soybean rust.

A ferrugem da soja é uma doença que nas últimas três safras tem causado grandes perdas aos produtores de soja em Minas Gerais e no Brasil devido a sua alta capacidade de causar danos. Esta doença é causada por duas espécies do gênero *Phakopsora*, *P. meibomia* (agente etiológico da ferrugem americana) e *P. pachyrhizi* (agente etiológico da ferrugem asiática). A primeira é menos agressiva que a segunda, porém a separação das duas pela sintomatologia é difícil. Na maioria das vezes a separação é feita pelas características morfológicas dos teliosporos, um método demorado, mas seguro. O experimento foi conduzido nas câmaras de crescimento vegetal do DFP/UFLA com temperaturas de 10, 15 e 20°C, e duas cultivares (Uirapuru e Pintado), nos meses de fevereiro a abril de 2004. As plantas foram inoculadas 20 dias após semeadura, em estágio V3. Após o aparecimento dos primeiros sintomas da doença em 7 dias, os vasos foram transportados para as respectivas câmaras de crescimento vegetal. As observações tiveram início após 15 dias de incubação em cada câmara, as leituras foram feitas em lupa a cada 5 dias, e qualquer lesão suspeita era submetida a cortes em micrótomo de mesa, e analisados em microscópio ótico. Aos 25 dias após o início das leituras houve o aparecimento de lesões típicas de telia na câmara de crescimento de 15°C na cultivar Uirapuru, e aos 30 dias de incubação na cultivar Pintado confirmada com cortes finos do material fresco e observação em microscópio ótico com aumento 40x.

150

**SUPRESSÃO DE BOTRYTIS CINEREA EM RESTOS CULTURAIS DE ROSEIRA COM O USO DE MATÉRIA ORGÂNICA E CLONOSTACHYS ROSEA. ELEN R. SANTOS, MARCELO A. B. MORANDI, LILIANA P. V. MATTOS E RAFAELLA C. BONUGLI** (EMBRAPA Meio Ambiente, C.P.69, 13820-000, Jaguariúna-SP). [mmorandi@cnpma.embrapa.br](mailto:mmorandi@cnpma.embrapa.br). Suppression of *Botrytis cinerea* on rose debris using organic matter and *Clonostachys rosea*.

O mofo cinzento da roseira (*Botrytis cinerea*, Bc) provoca perdas significativas em pré e pós-colheita. Como o patógeno é necrotrófico e tem como fonte de inóculo os restos culturais, a hipótese de trabalho é que a introdução de um competidor saprofítico e de uma fonte de matéria orgânica (MO) pode acelerar a degradação microbiológica dos restos com conseqüente redução do substrato disponível para esporulação do patógeno. Para testar a hipótese, combinou-se a aplicação do antagonista *Clonostachys rosea* (Cr) com lodo de esgoto in natura ou compostado (composto). Para avaliar a taxa de degradação dos restos culturais em função da aplicação das MO, folhas de roseira foram acondicionadas em envelopes de tela plástica (tela mosquiteiro), colocadas na superfície do solo sob cultivo de rosas em telado e cobertos por lodo, composto, solo de cultivo ou mantido sem cobertura (testemunha). A cada sete dias os envelopes eram retirados, limpos, secos ao ar e pesados, até não haver mais alteração do peso da testemunha, o que se deu após 77 dias. Para avaliar a supressão da esporulação de Bc, folhas de roseira inoculadas com o patógeno foram acondicionadas em bandejas plásticas e cobertas ou não com as MO. Os mesmos tratamentos foram repetidos combinando-se a aplicação de Cr. Avaliou-se a esporulação de Bc pela técnica de incubação de tecidos em PCA aos 7, 14 e 28 dias